

> *Lendas dos índios Tembé (Pará e Maranhão)*

Curt Nimuendajú Unkel

Antropólogo

Tradução:

Adriana Maria Huber Azevedo



>>>>>>> PRO 

> **Lendas dos índios Tembé (Pará e Maranhão)**

Curt Nimuendajú Unkel
Antropólogo

Tradução:
Adriana Maria Huber Azevedo

1 A lenda gemelar e os Karuwára

No início, os índios não possuíam mandioca: em seu lugar, cultivavam frutinhas de camapu em seus roçados. Certo dia, um índio estava plantando camapu no seu roçado quando Maíra¹ apareceu e lhe perguntou o que ele estava fazendo. “Não é da sua conta”, o índio respondeu, “Não sou teu filho para você me fazer perguntas!”. Maíra seguiu seu caminho. Depois de andar um pedaço, ele olhou para trás, e a floresta desabou sobre o roçado do homem, cobrindo-o. Depois disto, o homem voltou para casa, deixando na beira do caminho uma abóbora que ele tinha achado na sua plantação. Buscou sua faca e foi atrás de Maíra para matá-lo. Chegou numa casa e perguntou por Maíra, mas esse já havia prosseguido sua viagem. Então, o índio apanhou outra abóbora que ele viu no chão ao lado da casa, e, dizendo “Se eu encontrasse o sujeito (Maíra) eu o mataria assim!”, ele arremessou a fruta para o alto, para em seguida apanhá-la com a ponta da sua faca. No entanto, a abóbora ao cair repeliu a mão com a arma, a ponta da faca penetrou na garganta do homem, e ele morreu.

¹ O nome desta pessoa também já me foi informado como sendo Mairatá, o que talvez seja uma composição contendo o verbo *atá* (andar), podendo significar “Maíra, o andarilho”.

Maíra continuou andando, encontrou outro índio no roçado e perguntou também a este o que estava fazendo. “Estou limpando meus pés de camapu”, respondeu o homem, e acrescentou: “Quem dera que nosso pai Maíra viesse nos visitar; ele com certeza nos traria muitas coisas!” - “Aquele que está vendo diante de você, ele é seu pai”, Maíra respondeu. “Você quer mandioca?”. O homem disse que sim, e em seguida, Maíra transformou as árvores derrubadas do roçado em manivas de mandioca. Ele lhe deu instruções de como deveria plantá-las, e depois eles foram juntos até a casa do índio. Mas Maíra o mandou retornar logo para o roçado, para buscar raízes de mandioca para fazer manikwéra. O homem respondeu que ainda era impossível haver raízes, já que eles tinham acabado de plantar a mandioca. “Então você deverá colher sua mandioca só depois de um ano”, Maíra disse, e prosseguiu sua viagem².

Ele alcançou seus companheiros³, e depois partiu novamente. Uma vez na floresta, ele parou diante de uma árvore pytywí e, ao contemplar o tronco bonito e reto, encostou nele e disse: “Queria que este tronco se transformasse numa mulher que pudesse ser minha companheira”. Então, os galhos da árvore atrás das suas costas se transformaram numa choupana, e o tronco se transformou numa moça que convidou Maíra a entrar. Ele viveu com ela por muito tempo e depois prosseguiu sua viagem⁴.

2 Aqui e mais adiante, Maíra aparece como “andarilho”.

3 Quando perguntei ao meu informante Antônio Honorato se ele não lembrava de nenhum dos nomes dos companheiros de Maíra, ele respondeu que um deles, o cozinheiro, se chamava “Adão”.

4 O velho cacique Tembé Major Leopoldino do Rio Guamá narrou o início da lenda dos gêmeos da forma seguinte: Todas as noites, Maíra visitava uma mulher, sem dar-se a conhecer. Ela ficava se perguntando, em vão, quem poderia ser o seu visitante clandestino. Eventualmente ela buscou jenipapo, o esmagou e colocou um vaso com a tinta preta azulada debaixo da sua rede. Quando de noite, Maíra veio novamente, ela o perguntou: “Quem é você?” - “Sou eu”, Maíra respondeu. Aí ela lambuzou sua mão de tinta e com ela lhe enegreceu a face. Quando no outro dia Maíra viu que estava marcado, ele foi embora e nunca mais voltou a visitar a mulher. Esta já estava grávida, etc.

A mulher a esta altura já estava grávida, e a criança em seu ventre disse: “Vamos seguir nosso pai!”. Ela estranhou ao ouvir seu filho falando deste modo antes mesmo de nascer, e perguntou: “Mas você sabe o caminho?” - “Eu sei”. - “Então vamos!” - Eles foram, e o menino fez sua mãe colher as flores pelas quais passavam ao longo do caminho. No entanto, uma caba havia pousado numa delas e picou a mulher no dedo. Ela então bateu em seu ventre com a mão, e disse: “Por que você sempre deseja ter flores se você nem nasceu ainda?” - Isso fez o filho de Maíra se enraivecer. “Teu pai foi por qual caminho?” - a mãe perguntou ao seu menino, e ele lhe indicou o caminho que conduzia à casa de Mykúra. Ao anoitecer, eles chegaram neste lugar, bem quando o som de uma chuva pesada estava se aproximando. Mykúra perguntou à mulher para onde estava indo, e ela lhe contou que estava procurando o pai do seu filho. Depois pediu a Mykúra um lugar para pernoitar, e este a deixou entrar. Depois de a mulher atar a sua rede, Mykúra subiu em cima da casa, pretensamente para arrumar as palhas do telhado e evitar goteiras durante a chuva. No entanto, ele abriu um buraco exatamente acima da rede da mulher, fazendo com que a água da chuva molhasse seus aposentos. - “Nossa, na tua casa chove, hein?” - a mulher disse, e Mykúra a deixou atar sua rede mais perto da dele, onde não estava caindo água. Sorrateiramente, ele subiu ao telhado mais uma vez e abriu mais um buraco criando uma nova goteira bem acima da rede da mulher. Finalmente, ela se viu forçada a atar sua rede logo ao lado da de Mykúra. Então ela dormiu com Mykúra a noite toda, e ao amanhecer do dia, ela estava grávida dele. Então, o filho de Maíra (Mairayrá) disse ao filho de Mykúra (Mykurayrá): - “Não, não quero te ter aqui tão perto de mim! Fique do outro lado!”. No dia seguinte, a mulher seguiu viagem.

Quando a mulher novamente perguntou ao filho de Maíra pelo caminho do seu pai, ele lhe indicou o caminho das onças pintadas. Na morada das onças, apenas uma velha estava em casa. Ela os recebeu: - “De onde você vem, minha filha? Meus filhos são muito

agressivos quando chegam em casa com fome e não encontram nada para comer!” Ela escondeu a mulher debaixo de um grande cesto. Então os filhos retornaram e perguntaram: - “O que está cheirando assim?” - “Nada não”. Viraram o cesto, mas o Mairayrá transformou sua mãe num veado, que logo fugiu. As onças a perseguiram, a alcançaram e estraçalharam. - “Olha, mãe, ela tem filhotes!”, eles exclamaram. - “Os deixem comigo, para que eu possa preparar Mojýka⁵ para mim!” - disse a velha e tentou jogá-los numa panela com água quente. Mas ela queimou sua mão. Tentou cortá-los em pedaços com a faca, mas se cortou no dedo, e quando quis colocá-los no fogo, novamente queimou sua mão. Então tentou esmagar os pequenos no pilão, mas machucou só a si mesma com a mão do pilão. Então ela decidiu guardar os dois, e os enfiou dentro de um cesto emborcado. Amanheceram o outro dia como filhotes de papagaio. “Que papagaios bonitos!”, a velha falou, “Esses, os quero criar para mim!” - e lhes ofereceu comida. Na manhã seguinte, eles haviam se transformado em duas crianças. “Olha só, eles se tornaram duas crianças!”, a velha onça exclamou. “Vou criá-los como meus netos, para que futuramente me acompanhem quando for ao roçado!”. Então ela criou os dois. As onças lhes fizeram flechas para caçar pássaros. Depois, eles acompanharam a velha na sua ida ao roçado, onde ficaram brincando. Chamaram a velha e cataram os piolhos na sua cabeça, e quando ela adormeceu, retiraram sua cabeça, a rolaram pelo chão, brincando, e depois a devolveram ao seu lugar. Então a velha acordou e perguntou: “Eu dormi por muito tempo?” - “Sim, de fato, vovó, você dormiu muito tempo. Vamos logo voltar para casa, pois você está amuada!”. Então, a velha, por sua vez, lhes disse: “Não se afastem demais, senão um monstro vai pegá-los!” - Eles foram até o aceiro e lá encontraram um jacuaçu, que lhes disse: - “Ha-ha-ha, vocês moram com as onças que devoraram a vossa mãe!” - “Você sabe o que o jacu me contou?”,

5 Trata-se de um mingau feito com carne cozida e farinha de mandioca. (Termo derivado do radical “jyk”, cozinhar).

Mairayra perguntou ao seu irmão. “Ele disse que as onças mataram nossa mãe!” - Então os dois choraram. Ao voltar para a casa da velha onça, ela perguntou: “Por que vocês choraram?” - “As cabas nos feriram.” - “Meus netos, aqui não tem cabas!” - “Tem cabas sim, vovó!” - “Não, aqui não tem!” - “Então vá e busque o ninho de cabas!” - Mairayra ordenou ao seu irmão. Este foi, misturou folhas de maniýwa com barro, soprou sobre elas e as transformou num ninho de cabas, que ele trouxe para a velha. - “Veja, aqui estão as cabas!” - ele disse, e jogou o ninho na cabeça dela, de modo que ele quebrou, e as cabas feriram o rosto da velha. - “Então era verdade, meus netos!”, a velha onça gritou.

Depois que eles terminaram de crescer, foram para a floresta. Fizeram um panaco para levar farinha de mandioca, e disseram para as onças que queriam ir caçar veados. Acamparam na beira de um igarapé. Depois encheram warymã e passaram cinco dias, um deles tecendo abanos⁶, o outro tecendo typytí⁷, que eles jogaram no mar num ponto de grande profundidade. Então, os abanos se transformaram em piranhas e arraias, e os typytis, em sucuris, jacarés e poraquês. - “Vamos experimentá-los!” - Mairayra falou. Mataram cinco porcos e jogaram a carne na água, para que os animais aquáticos se acostumassem a comer carne e se tornassem selvagens. Depois ainda mataram uma anta e jogaram também a sua carne para os animais aquáticos. Depois Mairayra construiu um trapiche (“yruawána”) sobre a água: Atirou uma flecha para a outra margem, depois uma segunda, com a qual ele acertou o entalhe da primeira, e assim em diante, até que ambas as margens estivessem conectadas (“uzapyterú uýwa”). Então os dois atravessaram e na outra margem fizeram anajás. Então retornaram para a casa das onças com frutas de anajá e carne moqueada.

6 Os abanos dos Tembé (tapeguawa) têm formato de peixe.

7 É um tubo tecido, longo e elástico, para espremer a massa da mandioca ralada.

Contaram-lhes que haviam encontrado muito anajá na outra margem do riozinho. - "Então vamos lá amanhã, e vamos todos juntos, ninguém fique em casa!" - as onças disseram. - "Sim, vamos!" - Mairáyra disse. No dia seguinte, eles foram. - "Onde estão os anajás?" - as onças perguntaram. - "Vamos caçar primeiro" - Mairáyra respondeu. Foram caçar, e jogaram as vísceras das suas presas para os animais aquáticos comerem. - "Quantos peixes há aqui!" - as onças disseram, - "Amanhã queremos assar peixes." - "Sim, amanhã vocês vão apanhar bastante peixe." - "Mairáyra respondeu. Na manhã seguinte, ele chamou as onças: - "Acordem! Vamos buscar anajá, vamos todos!" - Todos foram até o trapiche, e quando todas as onças estavam sobre ele, ele fez a água subir, o igarapé aumentou e se transformou no mar. As águas cercaram as onças, e estas caíram do trapiche e foram devoradas pelos animais aquáticos⁸.

Os gêmeos se apossaram das armas do cacique das onças, e a enfiaram num pedaço de tacuari. Quando chegaram na antiga casa das onças, colocaram o tacuari no fogo. Ele estourou, e uma brasa voou longe. Mairáyra a apanhou e a levou com ele.

Ao seguir viagem, encontraram com um azán que estava pescando no rio. - "Vou tomar seu anzol!" - Mairáyra disse. Se transformou em um surubi, se aproximou nadando, abocanhou o anzol cuidadosamente e o arrancou. Azán colocou um novo anzol na linha, e novamente o lançou à água. Agora Mykuraýra também queria tentar. Seu irmão gêmeo lhe aconselhou que não introduzisse o anzol em sua boca por inteiro, mas ele o mordeu de modo desatento, foi fisgado e puxado para a terra. Azán matou sua presa e a levou para casa, onde a assou e comeu. Mairáyra então se transformou em uma tocandira, correu até a casa do azán e recolheu cuidadosamente todas as espinhas

⁸ Uma outra versão que escutei no Gurupy não contém esse motivo interessante da corrente de flechas: Mairáyra derruba uma árvore para servir de ponte sobre o igarapé. Quando as onças estão em cima dela e a enchente as cerca, ele corta a corda que conectava a ponte à margem. A árvore afunda e as onças são devoradas pelos animais aquáticos.

e restos espalhados do surubi. As rejuntou, embrulhou o esqueleto numa folha e soprou sobre ele: então Mykuraýra se levantou de novo, e perguntou: - "Eu dormi por muito tempo?" - "Não, Azán te matou e te comeu," - respondeu Mairaýra, - "mas, a fim de que você possa, futuramente, ser meu companheiro de verdade, eu te fiz agora de um jeito que você não possa morrer novamente, igual a mim!"

"Agora venha, vamos procurar nosso pai!" - Mairaýra falou. Partiram, e dormiram uma noite no caminho. Na manhã seguinte, Mykuraýra perguntou: - "Onde será que acharemos nosso pai?" - "Ele já está perto," - Mairaýra respondeu. Logo eles chegaram. Ele já sabia que as onças haviam devorado sua mulher. Ele tinha a aparência de um homem velho e usava uma bandana na testa. Os gêmeos saudaram Maíra, e ele disse: - "Meus filhos, vocês vieram?"

"Então Maíra perguntou aos irmãos: - "Crianças, vocês sabem onde Azán está esculpindo o seu arco?" - "Não, onde?" - "Não vou dizer." - "Marawýrupi, em qualquer lugar!" - "Então vamos ver se não conseguimos achá-lo!" - Procuraram e encontraram o velho Azán, sentado, esculpindo seu arco. - "Ó Tamúi, avô!", eles o saudaram, "O que você está fazendo aqui?" - "Estou acabando meu arco!" - Azán respondeu, - "pois dizem que um grande imperador ('maé-poromonó')⁹ virá para nos matar a todos!" - "Deixa ver," - disse Mykuraýra - "Que bonito é teu arco, avô!" - O velho lhe deu o arco, mas Mairaýra tomou o arco da sua mão - "De fato teu arco é muito bom, Tamúi!" - ele disse, e o jogou no chão. Então, o arco se transformou numa cobra, que saiu dali rastejando. Então eles voltaram para junto do pai e lhe relataram o feito.

"Filhos, vocês sabem onde Azán está construindo uma barragem?" - "Não, onde? - Marawyrúpi!" - Os dois partiram e encontraram Azán, que já havia barrado o igarapé, e já tinha quase terminado de tirar toda a água a fim de capturar os peixes. Eles se aproximaram, o sau-

⁹ Isso significa, literalmente: Alguém acostumado a dar ordens.

daram e disseram que queriam ajudá-lo. No entanto, eles encheram o leito do igarapé de novo com água. Então, Mairáyra se transformou em um beija-flor, e enquanto Azán estava ali abaixado, de costas, ele se aproximou voando e espetou seu traseiro com o bico. Azán gritou, assustado, e depois continuou trabalhando. Novamente, o beija flor o espetou com toda a força, de modo a fazê-lo erguer-se furiosamente, e quando novamente quis retomar seu trabalho, o pássaro permaneceu voando ao redor dele, e cantou: - "Akutukutúk! Akutukutúk!" ("Vou furá-lo nova- e novamente!"). Então, Azán abandonou sua barragem e correu. Os irmãos retornaram para junto de Maíra, e este perguntou: - "Vocês já acharam Azán?" - "Sim, pai!" - "E o que vocês fizeram com ele?" - "Pregamos uma peça nele!"

"Filhos, vocês sabem onde está o Azán dos cabelos longos?" - "Não, onde? - Marawýrupi." - Então os dois partiram e acharam o Azán cujo cabelo era tão comprido que ele o arrastava atrás dele pelo chão, numa distância como daqui até a volta do Rio Gurupy (2 km). Ele estava em pé numa área de cerrado. - "Vamos queimá-lo!" - Mairáyra propôs. Então, primeiro eles drenaram um igarapé e uma lagoa próximos, e depois foram até o Azán e falaram: "Escute, vovô, queremos queimar a estepe!" - "Está bom, crianças, mas acendam o fogo mais longe, para que meu cabelo não queime!" - Então os gêmeos acenderam fogo na estepe, e logo o cabelo do Azán se incendiou nas pontas. Ele, no entanto, não percebeu, e pelo barulho pensou que fosse um taquaral em chamas. - "Cuidado com meus cabelos, crianças!" - ele os admoestou, e: - "Não há perigo, Tamúi!" - os irmãos o acalmaram. Mas o fogo foi se aproximando da sua cabeça, e quando ele sentiu o calor, ele correu com a intenção de apagar o fogo no igarapé. Mas ele o encontrou seco, e quando chegou na lagoa, também não havia mais água nessa. Ele se jogou no leito seco, e sua cabeça estourou. Mas os gêmeos retornaram para junto de Maíra, e relataram o que haviam feito.

“Crianças, vocês sabem onde Azán toma banho no lago?” - “Não, onde?” - “Marawýrupi!” - Foram e acharam o Azán tomando banho. Esperaram ele ir embora e então esmagaram *tazakaí* (pimenta) e a misturaram com a água do lago. Quando o Azán retornou e entrou na água, a água o queimou nos órgãos genitais. - “Awapeí-peí!”, ele disse (São as numerosas plantas aquáticas!) - e saiu. Ele esfregou seu pênis até ejacular, entrou na água novamente, e novamente se lavou. Mas a pele dele começou a arder cada vez mais, ele saiu correndo e correu até cair morto. Os gêmeos então retornaram e contaram o acontecido ao pai.

“Crianças, vocês sabem onde está o Azán das pernas compridas?” - “Não, onde?” - “Marawýrupi!” - Os dois foram procurar e encontraram o Azán cujas pernas tinham o comprimento de árvores da floresta. Ele estava ali, em pé, tocando uma flauta de taquara, sem fazer nada além disto. Mairayra lhe dirigiu a palavra, mas ele não ouviu e continuou tocando. Então Mairayra, com sua borduna, lhe golpeou a canela, e instantaneamente o Azán se transformou numa árvore morta, coberta de cipós secos, que desabou ruidosamente.

Então os dois voltaram para junto de Máira, e Mairayra convidou seu pai para uma competição de tiro ao alvo. Pegou seu arco e disparou uma flecha contra uma rocha. A flecha penetrou na pedra e ficou presa. Depois ordenou a Mykuraýra que lhe trouxesse a flecha de volta e a disparou outra vez, com o mesmo sucesso. Então, Máira tentou fazer o mesmo, mas todas as vezes que ele disparava a flecha, ela ricocheteava.

Depois o filho de Máira disse ao seu pai: - “Chegou a hora de te deixarmos de novo, pai!” - “Mas vocês querem ir aonde?” - Máira perguntou. - “A qualquer lugar!” - Eles se despediram, partiram e nunca mais voltaram. Provavelmente eles foram para o leste, pois dizem que eles fizeram aqueles rios que desaguam no mar, e na Cachoeira Mães d’Onça do Rio Gurupy até hoje se pode ver, num bloco de pedra, o rastro da onça que eles levaram com eles.

Hoje em dia, Maíra mora na estepe Ikaiwéra, grande e totalmente desarborizada. Esta se situa a oeste dos antigos sítios dos Tembé¹⁰. Atrás das nascentes do Gurupy e do Pindaré, ou, conforme o depoimento de uma pessoa, no leste. Ali, Maíra mora numa grande casa, sozinho. Ele se parece com um homem branco e veste uma túnica longa. Ao redor da sua casa crescem apenas flores. Ali, os pássaros falam com voz humana, e chamam as pessoas que chegam pelo nome. Jandaia e maracanã fazem seus ninhos no chão porque não há árvores, e, pelo mesmo motivo, o mel se encontra dentro de cupinzeiros.

Perto da casa de Maíra há uma grande aldeia. Seus moradores levam uma vida suntuosa, cheia de alegrias. Para se alimentarem, eles apenas necessitam de algumas frutas pequenas parecidas com a cuia. Sua plantação não necessita de cuidados. Ela se planta e se colhe sozinha. Maíra e seus camaradas da estepe Ikaiwéra levam o nome “Karuwára”. Eles não morrem depois de envelhecerem, mas rejuvenescem. Eles cantam, dançam e celebram festas sem parar.

Dizem que a viagem da última aldeia Tembé no Cajuapára até os Karuwára dura um mês. Em tempos antigos, os Tembé frequentemente tentavam chegar em Ikaiwéra, mas todas as tentativas falharam. Quem já teve relações com o sexo oposto não consegue chegar ali nunca mais. Ou os alimentos não são suficientes, ou a estepe a ser atravessada na viagem, durante o inverno, é alagada, ou durante o verão tem seu chão esquentado tanto pelo sol que é impossível pisar nele. Muitos dos viajantes que tentavam ir até os Karuwára de repente percebiam que a rede que carregavam nas costas havia se transformado em pedras ou cupinzeiros, ou toda sua bagagem de repente havia sumido, obrigando-os a dar meia volta para procurá-la. No entanto, dizem que em tempos muito antigos, diversas pessoas conseguiram chegar no destino da sua viagem.

10 Até a primeira metade do século 19, os Tembé moravam no alto Rio Pindaré. Só então, a convite do sertanista paraense Manoel Antônio, eles começaram a se mudar para o Gurupy e a região do Capim, Guamá e Acará Pequeno. Um grupo deles até apareceu na beira da ferrovia que conecta Belém a Bragança, e foi assentado pelos missionários capuchinhos na Colônia do Prata.

Uma vez, depois que um grupo grande de Tembés havia partido para a terra dos Karuwára apenas para aprender os cantos, e precisou retornar a meio caminho, um Karuwára apareceu para ensinar os Tembés a cantarem, o que eles ainda não sabiam naquele tempo. Ele pousou no galho mais alto de um pé de pau d'arco perto da aldeia, pintado e adornado com penas, um chocalho e um ceptro (araruwáia), e começou a cantar. Os Tembé derrubaram a mata ao redor do pé de pau d'arco, limparam o local e se reuniram todos sob a árvore para aprender o canto. Ao final, o Karuwára subiu ao céu novamente, mas antes disso deixou cair seus enfeites. Os Tembé os apanharam do chão e os usaram como modelos para confeccionar os enfeites de dança que usam até hoje.

2 Incêndio e Dilúvio Universais

Uma vez, em tempos antigos, um homem encontrou uma criança brincando sozinha. Ele lhe deu uma vela acesa, lhe ordenou que a apagasse nas águas do rio, e logo desapareceu. A criança imergiu a vela no rio, que pegou fogo imediatamente. Primeiro a água queimou, e logo a terra também se incendiou. O fogo foi avançando por baixo do solo, e subiu à superfície no meio do terreiro de uma aldeia. Então a terra desabou neste ponto. Uma mulher gestante, juntamente com um menino, se escondeu dentro dos troncos de bananeiras resistentes a qualquer tipo de fogo. O fogo aniquilou toda a humanidade. Depois dele ter se apagado completamente, os dois saíram do seu esconderijo. Ainda conseguiram encontrar cinco manivas de mandioca no meio da terra queimada, que guardaram com todo o cuidado. Então começou a chover por muitos dias e muitas noites. Os dois se refugiaram numa canoa, pois a água alagou toda a terra. Os dois passaram muita fome. Finalmente, a água voltou a descer, e quando a terra apareceu, plantaram as manivas. Então a mulher deu à luz a uma menina, e a humanidade descende desta menina e do menino.

3 O roubo do fogo

Antigamente, o fogo encontrava-se na posse do urubu-rei. Os Tembé secavam no calor do sol a carne que queriam comer. Os Tembé decidiram roubar o fogo do urubu-rei, e com esta finalidade mataram uma anta. A deixaram jogada no chão, e depois de três dias ela estava podre e cheia de larvas. O urubu-rei desceu junto com sua família. Eles se despiram das suas vestes feitas de plumas, adquirindo assim aparência humana. Eles haviam trazido brasas e com elas acenderam um grande fogo. Colheram as larvas, as embrulharam em folhas e as assaram. Então, os Tembé, que até este momento tinham permanecido escondidos, atacaram. Mas os urubus alçaram voo e levaram o fogo com eles. Os índios continuaram tentando em vão durante três dias¹¹. Depois fizeram uma tokáia¹² perto da carniça, e um velho pajé se escondeu dentro dela. Os urubus voltaram, e desta vez acenderam seu fogo perto da tokáia. - “Desta vez, se eu pular para fora bem rápido, consigo pegar uma brasa”, o velho disse para si mesmo. Quando os urubus haviam novamente se despido das suas plumagens e estavam assando as larvas, ele pulou para fora. Os urubus se apressaram para pegar suas vestes de penas, mas neste meio tempo, o velho conseguiu pegar uma brasa; o resto do fogo as aves o apanharam e o levaram voando. O velho pajé então inseriu o fogo em todas as árvores cuja madeira ainda hoje é usada como ignífero (tataýwa): urukuýwa, kwatipuruýwa, iwíra e outras.

4 A obtenção da noite

No início, o céu ficava muito mais perto da terra do que hoje em dia. Então, os pássaros decidiram elevá-lo um pouco mais. Todos eles se reuniram para realizar este trabalho, e também convidaram o morce-

11 O cacique Tembé Tukúra, do Acará pequeno, me contou que “Tupana” entrou primeiro num jacaré morto, depois numa cobra morta, e finalmente numa anta morta para enganar os urubus.

12 Um esconderijo ou uma pequena cabana onde se espera a caça.

go. Este último, no entanto, não queria se esforçar, e se negou a ajudar. Por isso, desde esse tempo está condenada a dormir de cabeça para baixo.

Os antigos Tembé construíam suas cabanas sobre uma estepe. Naquele tempo sempre era dia, e as pessoas eram obrigadas a dormir no claro. Eles ansiavam muito por um pouco de escuridão para conseguir dormir melhor. Então um velho lhes contou que havia visto dois grandes potes vigiados por um velho azán. Segundo ele, os potes eram negros, e no seu interior era escuro. Então os Tembé suspeitaram que muito provavelmente, a noite que eles tanto desejavam pudesse estar contida nos potes. E foram até lá para ver como podiam conseguir um pouco dela. Enquanto se aproximavam sorrateiramente, escutaram vozes de corujas, macacos-da-noite, do azán que grita “tatý”¹³, e de outros seres noturnos vindo de dentro dos potes. Quebraram o menor dos dois potes disparando flechas contra ele, e logo voltaram correndo, pois atrás dele vinha a noite juntamente com seus animais. Em casa, usaram a noite para dormir, mas ela acabou rápido demais. Então decidiram quebrar também o pote maior, para obterem uma noite mais longa. Arakwã e Jakupéwa foram os que decidiram realizar essa missão. Também convidaram Uruwawá, que eles chamavam “kwaitý” (cunhado). Naquele tempo, todos estes pássaros ainda eram seres humanos. Aconselharam Uruwawá a correr rápido, mas depois de quebrarem também o pote grande, a noite os perseguiu tão velozmente que Uruwawá, após tropeçar em um cipó, foi ultrapassado pela escuridão. Desta forma, ele foi transformado numa ave noturna.

13 O “Sacy” dos brasileiros?

5 A caveira rolante

Um grupo de caçadores encontrava-se acampado na floresta. Os moquéns estavam carregados de carne. Havia espetos com macacos-prego de braços estendidos ao lado de rabos de guariba enrolados e extremidades cortadas de animais diversos. Ao redor do acampamento, havia cabeças, peles, ossos e tripas espalhados. Os caçadores haviam todos saído, e deixado no acampamento apenas um menino para ficar virando a carne que estava assando nos moquéns. Então, um homem apareceu no acampamento. Deu algumas voltas, inspecionou a carne com olhar sério, contou as redes e foi embora. Quando, ao anoitecer, os caçadores retornaram, o menino lhes contou da visita, mas ninguém acreditou nele. Mas quando os homens foram se deitar nas suas redes para dormir, o menino novamente falou sobre o ocorrido ao seu pai, e este finalmente desconfiou. Ele e o filho desataram suas redes e, sob o manto da escuridão, se retiraram para dentro de um matagal, um pouco afastado do acampamento. Não muito tempo depois deles deixarem o local, escutaram vozes que pareciam pertencer a corujas, onças e outros animais noturnos, intercaladas com gemidos humanos e estrondos de ossos quebrando. “Isso é o Kurupíra com sua comitiva, matando os caçadores!” o homem disse ao seu filho.

Quando o dia amanheceu, voltaram ao acampamento: Lá só restavam as redes vazias e manchadas de sangue, e debaixo delas, ossos humanos roídos espalhados. No meio deles estava a cabeça de um dos caçadores. Quando o homem, com seu filho, deu meia volta para ir embora, de repente a cabeça lhe dirigiu a palavra: “Me leve com você, compadre!”¹⁴. O homem, estupefato, olhou ao redor dele. - “Compadre, me leve para casa!” - a cabeça reiterou o pedido dela. Então o homem mandou o menino voltar à aldeia à sua frente, enquanto ele arrancou um cipó, amarrou o crânio, e saiu o arrastando pelo chão

¹⁴ *hemú*, “meu companheiro”; em alguns dialetos também “meu irmão”.

atrás dele. Mas dentro de pouco tempo, ele começou a sentir medo, e o abandonou no meio do caminho. Mas quando ele continuou a caminhada, a caveira o seguiu rolando como uma abóbora, gritando: “Compadre! Compadre! Espere um pouco! Me leve com você!” - O homem se viu obrigado a andar mais devagar, para que a caveira conseguisse acompanhá-lo. Mas o homem ficou pensando, tentando vislumbrar uma maneira de se livrar do seu acompanhante sinistro. Então, ele pediu à cabeça que esperasse um pouco, alegando que precisava defecar. Depois de fazer isso, no entanto, ele não retornou para junto da cabeça, mas voltou ao caminho um bom pedaço mais adiante. Lá ele cavou um buraco, o cobriu com galhos finos e folhas, e se escondeu. No meio tempo, a cabeça ficou esperando o homem voltar da floresta, e finalmente gritou: - “Compadre, você ainda não terminou?” - “Ainda não, compadre!” - as fezes do homem responderam. Mas a caveira disse: - “O que? Nos meus tempos, quando eu ainda era gente, as fezes não sabiam falar!”. Então prosseguiu rolando no caminho, e mais adiante caiu no buraco. Então o homem saiu do seu esconderijo, encheu o buraco de terra, e pisoteou com força. Então voltou à aldeia.

Quando anoiteceu, na aldeia se ouviram gritos vindos do interior da floresta, se aproximando. - “Isso é a caveira que conseguiu escapar da cova”, disse o homem aos moradores da aldeia.

No meio tempo, a cabeça tinha criado asas e garras como um gavião gigantesco. Ele veio pairando, se lançou sobre a primeira pessoa que cruzou seu caminho, e a devorou. Na noite seguinte, no entanto, um pajé se escondeu no lugar onde o caminho saía da floresta, e esperou pelo monstro com arco e flecha na mão. Este veio gritando, junto com a escuridão da noite, e pousou na copa de uma árvore no limite da floresta. Ele agora tinha a aparência idêntica à de um gavião gigantesco. Então o pajé disparou uma flecha que lhe atravessou os dois olhos. Ele imediatamente caiu do seu assento.

6 A festa dos animais

Certa vez, os animais realizaram uma festa que durou muitos dias. Todos foram convidados: veados e antas, porcos e onças, e aves de todas as espécies. Muitos já haviam chegado, e outros ainda estavam vindo. O grande gavião Wyrohueté podia ser ouvido de longe, soprando na sua trombeta de mensageiro: Bû-bû-bû! E os animais se alegraram e disseram: - "Lá vem o grande gavião para dançar conosco!" - Mas ele ainda estava se enfeitando, preparando-se para a dança. Também os macacos ainda não haviam chegado.

Quando os animais descansaram da dança, pediram ao filho da onça que cantasse. O velho homem onça primeiro lhe deu instruções sobre como cantar, e depois ele cantou, e cantou bem. Depois queriam que o velho homem onça também cantasse. Sua esposa lhe pediu que não cantasse coisas horríveis, mas o homem onça cantou: - "Tazahú pirera imerú-merú!" (A pele dos porcos está repleta de moscas saprófagas)¹⁵. - Então os porcos se enraivecaram. Ele continuou cantando: - "Arapuhá pirera imerú-merú!" (A pele dos veados está repleta de moscas saprófagas.) - Isso aborreceu os veados, e a mulher onça disse ao seu esposo: - "Você podia ter cantado algo mais bonito; por que você ofendeu os outros!?" - novamente a trombeta do grande gavião soou, mas quando ele chegou, a festa já havia terminado. Depois o Deus dos Veados, Arapuhá Tupána, se ergueu e se juntou às mulheres para cantar. Ele cantou durante muito tempo, mas é proibido cantar seu canto porque todos que o ouvem morrem. De repente, ele resfolegou e desapareceu. Algo como um raio passou por sobre todos os participantes da festa, e eles se transformaram em animais. Quando finalmente os macacos chegaram e não encontraram mais nenhuma sobra da festa, eles se enraivecaram. Foram roubar milho nas plantações vizinhas, passaram a vaguar pelas copas das árvores procurando frutas, e continuaram a fazê-lo até hoje. Se naquele dia a onça não tivesse se comportado assim, até hoje os animais seriam como gente e saberiam cantar.

¹⁵ Ele estava se referindo às moscas nas carcaças das suas presas.

7 O gavião e o dilúvio

Um homem encontrou o ninho de um gavião *wyrohueté* em cima de uma árvore, e foi buscar seu irmão para que lhe ajudasse a tirar os filhotes. Construíram um *motá* (espécie de escada), e o mais velho subia na frente enquanto o mais novo subia atrás e lhe entregava as varas. Durante este trabalho, alguma coisa de cima da árvore caiu na cabeça do mais novo, e ele pediu à esposa do seu irmão que ela a apanhasse do seu cabelo. Quando o irmão mais velho viu a cena de cima do *motá*, se enciumou. Quando faltavam poucos degraus até o ninho, ele desceu e ordenou ao irmão que fizesse o resto. Quando o mais novo havia terminado a escada, ele subiu atrás dele e cortou abaixo dele todos os cipós nos quais as varas estavam amarradas. Depois retornou para casa com sua esposa e deixou seu irmão em cima da árvore junto do ninho, de onde ele não conseguia descer sem o *motá*. No ninho havia apenas um filhote. Depois de algum tempo, a fêmea do gavião veio e perguntou ao homem o que ele estava fazendo ali em cima. Ele contou que havia subido na árvore por causa do filhote de gavião, e sido abandonado pelo irmão. - “Você quer criar a minha filha?” - a fêmea do gavião perguntou. O homem disse que sim, e a mãe lhe entregou um macaco que ela havia matado, para que ele o pelasse para o filhote. Depois de um tempinho, o gavião macho veio, ele próprio, voando com uma guariba grande. O homem contou sua história também a ele, e então a ave primeiro lhe ensinou como deveria pelar a guariba, pois ele demorava demais com esta tarefa. Depois o gavião lhe perguntou se ele não queria se transformar em *wyrohueté*, e o homem concordou. Então o gavião saiu voando, e em pouco tempo retornou junto com alguns companheiros. Então, muitos gaviões de todas as espécies vieram voando em grupos de dois ou três, até que um bando grande se encontrava ali reunido. Se sentaram à volta do homem e entoaram seus cantos. Então, penas e garras nasceram no corpo do homem, e ele se transformou em *wyrohueté*. Então ele tentou voar. Primeiro, ele não conseguiu, mas os gaviões o ajudaram, e ele aprendeu.

Então, as aves decidiram matar o seu irmão, e comunicaram sua decisão ao homem. Naquele momento, uma festa estava acontecendo na aldeia dos irmãos, e o mais velho encontrava-se sentado na frente da sua casa, pintando-se para dançar. Então, o mais novo apareceu sob a forma de um pequeno gavião, e pousou perto dele. As pessoas da aldeia pediram para o irmão que matasse a ave, pois ele era conhecido como o melhor atirador da aldeia. Então ele entrou na casa para buscar suas armas e disparou uma flecha contra o gavião, mas este levantou voo, e a flecha passou por baixo dele. A mesma coisa aconteceu com a segunda flecha, e o pequeno gavião então pousou logo em frente ao homem. Irado, este disparou uma terceira flecha, e quando esta também não acertou o alvo, a ave o atacou e o agarrou pelo cabelo com suas garras. Neste mesmo instante, ele se transformou num *wyrohueté* gigante, e subiu aos ares com seu irmão nas garras. Imediatamente, um grande bando de aves de rapina se lançou sobre ele e o devorou, de modo que só os ossos caíram de volta para a terra.

O irmão mais novo agora conseguia se transformar à vontade em um homem ou em um *wyrohueté*. Então os gaviões o enviaram para que buscasse também os seus pais. Entrou na aldeia em forma humana, e quando as pessoas o viram aparecer depois de tanto tempo, se assustaram e supuseram que ele havia vindo pelo caminho do azán. Ele então convidou seus pais a irem com ele para determinada casa e dançarem. Ele chamou também outros moradores da aldeia, mas eles não queriam ir. Enquanto eles dançavam dentro da casa, ela se soltou do chão e subiu ao céu com eles. Os moradores da aldeia vieram correndo e tentaram segurar os que estavam partindo. Os pajés fumaram seus charutos e sopraram a fumaça ao alto, mas não adiantou de nada.

Choveu durante toda a noite seguinte, e a água subiu tanto que muitas pessoas se afogaram. Certo número de pessoas se salvou trepan-

do em pés de açaí. Como, no escuro, elas não conseguiam enxergar nada debaixo de si, de vez em quando elas jogavam frutinhas de açaí para, ao ouvir o som do impacto, saber se o solo já estava seco ou ainda coberto de água. Mas o tempo todo, só ouviam o *pluk-pluk* das frutas caindo na água. Então, sob o manto da escuridão, começaram a se chamar mutuamente com a voz de sapos, e o fizeram até se transformarem, de fato, em sapos.

8 A origem da festa do mel

Eram uma vez dois irmãos. Um deles construiu uma *tokáia* na copa de uma árvore da espécie *azywayáwa*, onde as araras tinham o costume de se reunir para comer as flores. Ela já havia matado muitas araras quando duas onças (*aé-zawára*) chegaram. Elas trouxeram cuias que encheram de néctar extraído das grandes flores amarelas do pé de *azywayáwa*. O homem as observou estupefato, mas não teve coragem de atirar nelas. Deste modo ele ficou observando-as todos os dias durante muito tempo.

Certo dia, o seu irmão também quis caçar na *tokáia*. Então ele lhe contou que naquele lugar ele encontraria as duas onças e o advertiu para que não as matasse. O irmão foi se esconder na *tokáia*, mas quando as onças chegaram e se sentaram nos galhos da árvore bem próximo dele, ele pensou que conseguiria matar pelo menos uma delas, e disparou duas flechas que não causaram nenhum impacto. Então ele também atirou duas vezes na outra onça, com o mesmo resultado. Mas agora os animais perceberam que ele estava na *tokáia*. Então provocaram uma forte tempestade, que derrubou e arrebitou a *tokáia* juntamente com o caçador. As onças desceram da árvore e arrastaram o corpo até a entrada do submundo, que era do tamanho da entrada de um formigueiro. O puxaram para baixo através desse orifício.

No outro dia, o irmão do homem morto logo desconfiou que este não havia levado a sério sua advertência, e havia se acidentado. Ele partiu para procurá-lo, encontrou a *tokáia* caída, e seguiu o rastro de sangue até a entrada do formigueiro. “Devem tê-lo puxado por aqui”, ele disse a si mesmo, e se transformou em formiga. Ele atravessou o buraco rastejando, desceu, e logo se viu em um caminho largo que conduzia à aldeia das onças. Já de longe escutou a cantoria delas. Na aldeia, viu uma grande casa, diante da qual o cadáver do seu irmão se encontrava no sol, atado a uma cruz de madeira (“*ywyrá mupuzái pyréra*”). Ele entrou na casa, e viu muitos recipientes com mel pendurados numa vara abaixo do telhado. Debaixo deles, as onças dançavam e cantavam de noite, e o homem achou a festa tão bela que esqueceu completamente seu irmão morto. Apenas desejava participar da dança. Aprendeu todos os cantos, e finalmente pensou que as onças não o reconhecessem, mesmo tendo aparência humana. Então, todas as noites ele se transformava em um homem e cantava e dançava com as onças, e de dia ele se transformava em uma formiga. Continuou fazendo isso até ter ouvido todos os cantos das onças, e enjoar delas. Então ele retornou para o mundo superior através do buraco de formiga, e contou ao seu povo o que ele tinha visto e aprendido. “Vamos cantar hoje!”, disse ele às pessoas, mas estas responderam: - “Como se canta?” - Então ele as ensinou a cantar. - “Agora vamos buscar mel! Eu sei como se canta debaixo do mel!” - Eles fizeram isso, e, com júbilo, trouxeram o mel para a aldeia. Então ele ensinou as mulheres a cantarem sob os recipientes de mel suspensos (*Muciririháwa*), e um mês depois, mostrou aos homens como se mistura o mel com água, e como se celebra a festa no terreiro.

9 A filha do urubu-rei ou a visita no céu

Os urubus-reis costumavam se reunir na beira de um lago, e ali se despiam das suas plumagens e tomavam banho sob a aparência de jovens mulheres. Havia um homem que já era de meia idade e não possuía esposa. Quando viu as moças tomando banho no lago, ele decidiu capturar uma delas para ser sua companheira. Ele construiu uma *tokáia* na beira do lago, entrou e esperou. As moças urubus vieram e se despiram das suas vestes de plumas, e uma delas deixou sua roupa bem ao lado da *tokáia*. O homem saltou para fora e pegou a plumagem. As demais moças urubus logo correram para pegar suas plumas, as vestiram e saíram voando. Apenas a moça cuja plumagem o homem havia pegado ficou ali parada e pediu: - "Me dê minhas plumas, pois minhas companheiras já partiram, e eu também quero seguir viagem voando!" - "Não", respondeu o homem, "Suas plumas você não as terá de volta!" - Então os dois se olharam, e gostaram um do outro. O homem levou a moça urubu para sua casa, e guardou suas penas num cesto.

Ele lhe deu outras roupas e se casou com ela: se acostumaram um com o outro e tiveram um filho, que cresceu e se tornou adulto.

Certo dia, a mulher propôs ao marido que fossem visitar o pai dela. Mas o velho urubu-rei morava do outro lado do céu. "Como eu faria para chegar lá, já que não tenho asas?" - o homem ponderou, mas sua esposa prometeu que resolveria a questão. Ela trouxe folhas de *janiparána*, e as amarrou nos braços do marido e do filho. Então abanou os dois com sua camisa de plumas, e os braços se transformaram em asas, e as folhas se transformaram em plumas. - "Agora vamos tentar alçar voo!" - ela disse. O filho foi o primeiro a tentar: decolou e um pouco adiante pousou em uma árvore. Então, o pai também tentou, mas logo despencou. - "Vou te ajudar, para que você também possa ir conosco", - sua esposa o consolou. Ela passou a voar abaixo dele, e quando parecia que ele ia cair ela o apoiava. Deste

modo, eles subiram. O filho imediatamente voou até a porta do céu, e lá se sentou. Depois de algum tempo, seus pais também chegaram, mas o homem estava completamente exausto. Entraram no céu. Lá é exatamente como aqui embaixo. Os urubus moram lá. Mas lá eles retiram suas vestes feitas de penas, e adotam aparência humana: eles se assemelham aos cristãos.

A família, no céu, prosseguiu seu caminho, e chegou na casa do sol, *Kwarahý*. Este tinha a aparência de um homem, usava um botoque e um cocar de penas brilhantes na cabeça. Era impossível se aproximar dele porque era muito quente. Eles o saudaram, e ele perguntou: - "Para onde vocês estão indo?" - "Estamos indo visitar meu pai", - a mulher respondeu. Depois passaram pela casa da lua, *Zahý*. Este tinha uma cabeça toda calva. Depois chegaram na moradia do vento, *Ywytú*, que não estava em casa. Entraram e esperaram. De repente, um vento forte começou a soprar. "Lá vem Ywytú!", a mulher disse, e então ele entrou, barbudo, com o cocar na mão erguida. Ao entrar, colocou o cocar na cabeça, e a tempestade cessou imediatamente. Eles o saudaram e ele perguntou para onde eles iam. "Para a casa do meu pai", - a mulher respondeu. Finalmente chegaram na casa do velho urubu-rei. Então a mulher deixou seu esposo para trás, para primeiro informar o pai dela sobre sua chegada, e ver se ele queria recebê-lo. Por isso, primeiro ela entrou na casa do velho apenas na companhia do filho dela, e o saudou. O velho perguntou quem era o pai do menino, e a mulher lhe contou a história do seu casamento. Então o velho urubu-rei mandou chamar o esposo dela, o recebeu e alojou a família. No entanto, ele sentia muita raiva do seu genro, e começou a procurar um pretexto para matá-lo.

Na manhã seguinte, através de um recado entregue por meio da esposa, ordenou ao homem que construísse uma canoa grande, ressaltando que era imprescindível que concluísse a obra no mesmo dia. O homem, que não entendia nada de construção de canoas, partiu

para a floresta triste, e ficou se perguntando como poderia dar conta da tarefa. Derrubou uma árvore, e começou a esculpi-la: tok-tok-tok. Então, o pica-pau *pekú* chegou e pousou ao lado dele. Ele era o chefe de todos os pica-paus, e lhe perguntou: - "O que você está fazendo aqui?" - O homem lhe explicou sua situação angustiante, e o chefe dos pica-paus respondeu: - "*Uré capópa*, queremos te ajudar! Deixe-me chamar minha gente!" - Então ele voou embora, e retornou com um bando enorme de pica-paus. Ordenou ao gavião *kanká* que vigiasse o local de cima de uma árvore, para impedir que o velho os surpreendesse. Então, os pica-paus se puseram a trabalhar na construção da canoa com todo o zelo. Eles estavam prestes a concluir quando o *kanká* fez ouvir seu grito de alarme: "*Kjá-kjá-kjá!*" Os pica-paus, rapidamente, saíram voando. O velho chegou e se sentou ao lado do seu genro, e perguntou como estava indo o trabalho. - "Já quase terminei", - respondeu este. Então, depois de um tempinho, o velho se levantou e foi embora. Logo em seguida, o chefe dos pica-paus voltou e perguntou: - "Ele já se foi?" - "Sim". Então ele chamou o seu pessoal de volta, e ao anoitecer, a canoa estava pronta. Então todos se retiraram. O homem contou para sua esposa que a canoa estava pronta, e no dia seguinte, eles a colocaram na água.

Certo dia, o velho sentiu fome. Mandou recado ao ser genro ordenando-lhe que, ainda naquele dia, construísse uma barragem no rio, drenasse a água e lhe trouxesse "*trahíras*". No entanto, por "*trahíras*" ele se referia a jacarés. O homem partiu e barrou o rio, mas não sabia como drenar toda a água ainda no mesmo dia. Finalmente, pegou um pedaço côncavo de uma casca de árvore, e, entristecido, começou a sua empreitada. Então chegou o *Tatína*, que era o chefe de todas as libélulas, e lhe perguntou o que estava fazendo. Ele lhe contou o que seu sogro lhe ordenara fazer, e o *Tatína* prometeu ajudá-lo junto com a sua gente. Ele chamou um grande bando de libélulas de todas as cores. Estas se sentaram ao longo da barragem formando uma fileira, e começaram a retirar a água com movimentos das suas pernas. Tra-

balharam tão velozmente que o leito do rio secou em pouco tempo. Desta vez, não precisaram do *kanká* como vigia, porque o velho urubu-rei, convencido de que sua ordem não seria cumprida, nem veio olhar. Então, Tatína ordenou ao homem que matasse as *trahíras*, e elas eram tão numerosas que ele encheu todos os cestos que havia trazido com ele. Ele carregou os peixes para casa, e mandou dizer ao seu sogro que havia feito sua tarefa.

O velho, acreditando que o homem tinha trazido jacarés para ele, lhe ordenou que levasse sua captura para a floresta, para que apodrecesse e fosse infestada de larvas, que constituíam sua comida favorita. Então mandou fazer farinha de tapioca, e quando, depois de alguns dias, pensou que já podia haver uma quantidade suficiente de larvas, encheu uma cuia grande e partiu para a floresta para fazer um banquete. Então achou os peixes amontoados, mas nenhum jacaré, conforme esperava, se enraiveceu, retornou para casa e foi repreender a filha por não ter transmitido a ordem ao seu marido corretamente.

Então a mulher recomendou ao marido que construísse uma nova barragem e desta vez capturasse jacarés para apaziguar o velho. O homem foi até o rio entristecido, pensando: - "Quem sabe se o Tatína me ajudará também desta vez?" - Mas quando ele terminou de barrar o rio, o Tatína novamente trouxe seu povo, que concluiu o trabalho em pouco tempo. Na água rasa, o homem matou um grande número de jacarés, os amarrou num feixe e os carregou para casa. Então, sua esposa disse ao seu pai que a presa tinha chegado, e este novamente ordenou que as "*trahíras*" fossem levadas para a floresta. Quando os jacarés já estavam infestados de larvas, ele pegou sua cuia com farinha de tapioca, foi, e passou três dias se empanturrando.

Depois tentou achar outro pretexto para matar seu genro; mas sua filha já estava acostumada com o marido, e sentiu pena dele. O velho delimitou uma área grande de floresta e mandou dizer ao homem que ele devia derrubar esta floresta ainda naquele mesmo dia, se não

o mandaria matar. O homem, entristecido, amolou seu machado e começou a trabalhar. Depois de derrubar as primeiras árvores, no entanto, ele se sentou e pensou sobre sua situação. Então, novamente, o chefe dos pica-paus, Pekú, veio voando e o saudou: - "Bom dia, compadre!" - Ele falou da sua angústia ao pássaro, e Pekú prometeu ajudá-lo mais uma vez junto com sua gente. Ele de fato trouxe sua família numerosa, e depois de incumbir *kanká* de vigiar o local, os pica-paus começaram a trabalhar arduamente. Enquanto uns cortavam a vegetação rasteira, outros derrubavam as árvores grossas, e eles estavam quase terminando quando o *kanká* soltou seu grito, assinalando a chegada do velho. Rapidamente, os pica-paus saíram voando e se esconderam atrás das árvores, enquanto o velho, ao chegar, ficou muito contente com o trabalho realizado. - "Agora não vou te matar mais", prometeu ao seu genro, e foi embora novamente. Logo depois, os pica-paus saíram dos seus esconderijos, e ao anoitecer, haviam concluído a derrubada. Então todos retornaram para casa.

Quando a floresta derrubada havia secado, o velho urubu-rei mandou colocar fogo. Ele mesmo foi junto, pretensamente para mostrar ao seu genro como devia proceder com a queimada. Primeiro acendeu fogo na beira, e ordenou ao homem que adentrasse o roçado para ver se lá o fogo também estava queimando bem. Mas quando o homem olhou ao seu redor, qualquer saída já estava obstruída pelas chamas. Então ele percebeu que o velho urubu-rei pretendia matá-lo deste modo, e que sua hora de morrer tinha chegado. Ele se sentou no chão e chorou. Então, uma aranha saiu de um buraco na terra e lhe perguntou por que estava chorando. Ele lhe contou sobre a maldade do sogro, e a aranha o convidou a descer para dentro da sua toca. Ela transformou o homem numa aranha, e juntos entraram no buraco, comeram e esperaram o fogo se apagar completamente. Isto aconteceu apenas depois de um dia inteiro, e uma noite inteira. Quando o urubu-rei chegou em casa, perguntou à filha se o marido já havia voltado. - "Ah, este com certeza já deve estar morto!" - respondeu a

mulher, que sabia muito bem o que o pai havia feito. No dia seguinte, o velho urubu-rei encheu sua cuia grande de farinha de tapioca, e foi até o roçado queimado com a intenção de fazer do corpo do genro sua refeição. Sua filha chorava enquanto andava para cá e para lá com o filho dela. O velho procurou pelo corpo em todos os lugares, mas quando adentrou certa área do roçado incinerado, de repente viu o procurado ileso, de pé, perto do toco de uma árvore. Então, o urubu-rei jogou sua cuia com farinha de tapioca no chão furiosamente, e voltou para casa com raiva. A mulher, então, aconselhou seu marido a deixar a casa do sogro para evitar ser morto.

Eles voltaram para casa, aprontaram suas bagagens e prepararam farinha de mandioca como provisão para o caminho. O velho urubu-rei estava muito enfurecido, e depois de partirem, mandou seus guerreiros, os urubus, atrás deles. Mas a mulher já havia previsto isto, e, por precaução, levado consigo uma faca comprida. Quando, agora, os urubus se lançaram sobre o seu marido e tentaram agarrá-lo, ela corajosamente golpeou os atacantes com sua arma, decepando as cabeças de uns, as asas de outros, e afugentando o resto.

Desta maneira, a família chegou de volta para a porta do céu, e se preparou para descer. O filho desceu para a terra imediatamente, voando. O pai ficou com medo de cair se tentasse voar. Mas a sua esposa o consolou, e o apoiou voando por baixo dele, impedindo que despencasse. O homem chegou na terra exausto e sem fôlego: Preciso se sentar e se encostar de tão cansado que estava.

10 O menino e o bacurau (*Ywyzaú remirahakwéra*)¹⁶

Uma mãe foi ao roçado com seu filho, e enquanto ela arrancava raízes de mandioca, o menino atirava em pássaros no aceiro. Um bacurau levantou voo perto dele, e pousou de novo um pouco adiante. O

16 Literalmente: "Aquele Levado pelo Bacurau". Até hoje os meninos são admoestados: "Não atire em bacuraus, senão eles te levarão para a outra margem do grande rio!"

menino disparou uma flecha contra ele, mas não o acertou. O pássaro novamente voou um pedaço, e esperou. O menino correu atrás dele e disparou pela segunda vez sem acertar o alvo, após o qual o pássaro novamente levantou voo e se afastou um pouco mais. Deste modo, o menino perseguiu sua presa em vão, entrando cada vez mais na floresta, até que de repente, o bacurau saiu voando e desapareceu entre as árvores.

Então, o menino percebeu que tinha se afastado demais da plantação da sua mãe. Ele tomou rumo e voltou correndo pela floresta. Pouco tempo depois, de repente se viu na margem de um grande rio. - "Que estranho! Como é que eu me deparo, aqui, com um rio que não existia na vinda?" - o menino pensou. - "O bacurau fez isso comigo!" - Ele ficou andando para cá e para lá pela margem do rio, e finalmente dormiu na floresta. Passou dias vagando pela mata ciliar, sem encontrar-se.

Certo dia, ouviu um pica-pau gritando. - "Quem dera que eu pudesse voar como um pica-pau!" - o menino disse para si mesmo. - "Assim, eu voaria direto para a outra margem!" - E acrescentou: - "Se o pica-pau fosse como gente, eu lhe pediria que me carregasse para o outro lado."

Então, o pica-pau veio voando, se sentou em uma árvore bem perto dele, e perguntou: - "O que foi que você disse?" - O menino repetiu o seu pedido. Então, o pica-pau ficou enorme, e disse: - "Agora se sente nas minhas costas, vou te levar para o outro lado." - O menino obedeceu com alegria, mas quando o pica-pau começou a voar da sua maneira - se deixando cair até quase bater no chão, e depois subindo abruptamente - o menino sentiu medo, e lhe pediu que o colocasse no chão de novo. Deste modo, ele permaneceu na margem do rio de novo.

Então, ele viu um jacaré imponente emergindo no meio do rio, e golpeando a água com o rabo. - "Quem dera que ele me atraves-

sasse para a outra margem!” - o menino disse. Então, o jacaré veio nadando, e lhe perguntou o que era que ele queria. O menino lhe apresentou seu pedido, e o jacaré o deixou tomar assento nas suas costas. Então, começou a nadar rumo à outra margem. Quando chegaram bem no meio do rio, o jacaré disse ao menino: - “Agora me chame por todos os nomes ruins que você conhece!” - O menino, no entanto, não queria fazê-lo, pois sabia que o jacaré então o devoraria. Deste modo, eles se aproximaram da margem, e finalmente, o menino saltou em terra e fugiu. Ele correu para dentro da floresta sendo perseguido pelo jacaré, e chegou na beira de uma lagoa. Lá estava o socó-boi, pescando - “Por que você está correndo tanto?” - ele perguntou ao menino. - “Estou fugindo do jacaré, que está me perseguindo e quer me devorar”, - este respondeu. - “Venha aqui, eu vou te esconder dentro do meu *pyçá-parí* (rede de pesca)”. - Mas ao dizer *pyçá-parí* ele se referia ao seu papo. Cuspiu quatro traíras que ele tinha dentro do seu papo, engoliu o menino, e depois novamente os quatro peixes. O jacaré, que vinha seguindo os rastros do menino, logo chegou, e perguntou ao socó aonde o menino tinha ido. O socó negou que o menino tivesse passado por ele, mas o jacaré insistiu que os rastros dele conduziam para onde ele estava. - “Certamente você o engoliu”, ele disse, “então deixe eu ver o que você tem dentro do seu papo!” - “Eu só apanhei quatro peixes”, - o socó respondeu, e cuspiu as quatro traíras. - “Aqui estão!” - Então o jacaré deu meia volta, e o socó deixou o menino sair do seu papo.

O menino seguiu andando, e chegou num caminho largo. - “Este é o caminho da minha aldeia”, - o menino pensou, mas era o caminho dos porcos *taitetú*. Ao seguir sua viagem por este caminho, ele chegou na morada dos *taitetús*. Eles lhe perguntaram de onde ele vinha, e ele lhes contou a história de como tinha se perdido. Então, os porcos o convidaram a ficar com eles. Todos eles tinham suas peles animais, das quais, no entanto, eles se despiam em casa para adotarem uma aparência humana. O menino também recebeu sua pele animal para

poder se transformar em *taitetú*, e então permaneceu morando na sua nova comunidade por muito tempo.

“Vamos colher *manduví* (amendoins)”, disseram os *taitetús* certo dia, e foram buscar sementes de *jutahí* e de *kopayba*. Estas eram seus “*manduví*”. Eles as trouxeram para casa e as pilaram no pilão: esta era a farinha dos *taitetús*.

Certo dia, os porcos decidiram ir até o roçado para furtarem batatas, mandioca e cará. No dia seguinte, eles prepararam seus cestos e panacos, e se deslocaram até a plantação. Enquanto os outros cavavam tubérculos na terra, o menino ficou andando. De repente, ele parou diante de uma árvore caída, e disse: - “Não foi aqui perto desta árvore onde minha mãe colocou o cesto dela naquele dia em que eu persegui o bacurau e me perdi na floresta? Esta é a plantação da minha mãe!” - Então ele tirou sua pele animal, e enquanto os *taitetús* aprontavam suas cargas, ele se escondeu. Os esperou partir, e ficou sozinho perto da árvore.

Depois de algum tempo, ele viu sua mãe chegando. Ela depositou o cesto dela no lugar usual, e quando ela se virou, viu o filho. Então ela chorou e quis abraçá-lo, mas ele disse: “Não me toque, mãe! Fique aí e chore!” - Então sua mãe o convidou a voltar para casa, e ele a seguiu de longe. Em casa, ele se mantinha isolado das pessoas, dormia num cantinho e passava a noite toda cantando cantos sobre suas aventuras, assim como os cantos que ele havia aprendido dos *taitetús*: Ele já havia se transformado em *taitetú*, ele mesmo!

A versão original deste texto, em Alemão, foi publicada em:

UNKEL, Curt Nimuendajú. *Sagen der Tembé-Indianer (Pará und Maranhão)*. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlim, v. 47, n. 4/5, p. 281-305, 1915. Domínio público.

A tradução “*Lendas dos índios Tembé (Pará e Maranhão)*”, por Adriana Maria Huber Azevedo, está licenciada sob CC BY 4.0.

